LEITURA: CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS, VIVÊNCIAS E ATITUDES DE ÍNTIMOS DIFERENTES.

ARAUJO, Denísia de Freitas.
denisia.araujo@bol.com.br

PASSOS, Lívia Valéria Silva Macedo.
liviamacedo81@hotmail.com

REGIS, Kelly Nascimento Regis.
kelly.regis@bol.com.br

ARAUJO, Maria José Azevedo (Orientadora)
Graduada em Pedagogias pela Universidade Federal de Sergipe, Mestra em educação e professora do curso de Letras Português da Universidade Tiradentes.
azevedo1956@bol.com.br

RESUMO

Esta pesquisa qualitativa e bibliográfica analisa as relações do leitor com a leitura. São muitas razoes as para a leitura. Cada leitor tem a sua maneira de perceber e de atribuir significados ao que lê. Leitura educa a inteligência, não pelo acúmulo de conhecimentos no cérebro do aluno, mas através dos hábitos de observar, comparar, procurar saber o porquê das coisas e realizar as suas próprias experiências através da descoberta. Aprendizagem exige esforço, interesse que é um estado emocional, um desejo, uma atração de indivíduos para cada aprendizado. A idéia de leitura é normalmente restrita ao jornal, ao livro, etc. Ler palavras e nada mais, diz o senso comum. As ciganas, contudo, dizem ler a mão humana e os críticos afirmam ler um filme. O fato é que quando escapa dos limites do texto escrito, o homem não deixa necessariamente de ler. Lê o mapa astral, o teatro, a vida, Forma a sua compreensão de realidade. Ler também é um exercício, nos ajuda a entender as coisas, enriquece nosso vocabulário, nos anima quando estamos oprimidos, faz bem, alem de aprender, conhecer lugares, pessoas, o mundo, melhora nosso conhecimentos, espiritual, emocional, educacional, mas para que isso aconteça, temos que saber escolher as boas leituras. Serve para abrir os horizontes, ficar mais revelado e também ajuda a escrever melhor gramaticalmente. Não só ler, mas ler e entender o que esta lendo. Uma boa parte dos brasileiros são analfabetos funcionais, ou seja, lê e não compreende o texto. Ler serve para dar informação, entender o assunto tratado e é uma base para nosso conhecimento. Leitura é um habito que se tem para adquirir cultura. Ninguém lê por ler apenas. Quando se pega um livro, tem-se a expectativa de conhecer alguma coisa nova, e também que seja agradável. Não é só ler e sim aproveitar o que leu na sua vida, ela tem a função de aumentar o nosso nível intelectual. É atribuir sentido ao que se lê, é considerar o todo e dele poderem construir considerações e questionamentos, experimentando ler pra valer.

PALAVRAS CHAVES: Leitura; Conhecimento; Linguagem.

ABSTRACT

This qualitative research and literature analyses relations with the reading of the reader.
There are many reasons for the reading. Each player has his way to understand and assign meanings to read that. Reading educates the intelligence, not by the accumulation of knowledge in the brain of the student, but through the habits of observing, comparing, find out why of things and implement their own experiences through the discovery. Learning requires effort, an interest that is emotional state, a desire, an attraction to individuals for each learning. The idea of reading is normally restricted to the newspaper, the book, etc.. Read words and nothing else, says common sense. The Roma, however, say read the human hand and critics say read a movie. The fact is that when escape the limits of written text, the man does not need to read. Read the astral map, the theater, life. Form their understanding of reality. Read is also an exercise, helps us understand things, enriches our vocabulary, encourages us when we are oppressed, does well, and learn, know places, people, the world, improve our knowledge, spiritual, emotional, educational, but to this happens, we know that choosing the good readings. It serves to open up horizons to be revealed more and also helps to write better grammatically. Not only read but read and understand what they are reading. A good part of Brazilians are functionally illiterate, that is not read and understand the text. Read serves to give information, understand the subject matter and is a basis for our knowledge. Reading is a habit that has to acquire culture. Nobody read by reading only. When it picks up a book, has been the expectation of knowing something new, and also to be pleasant. It is not only read but take what you read in your life, it has function to increase our intellectual level. We assign meaning to what it says, is to consider the whole and it can build considerations and questions, read pra worth experiencing.

KEYWORDS: Reading; Knowledge; language.

INTRODUÇÃO:

A leitura é bastante responsável, ajuda muito aos conhecimentos. Uma vez que tornando leitores da palavra, invariavelmente estaremos lendo o mundo sob a influencia dela, tenhamos consciência disso ou não. A partir de então, mundo e palavras permearão constantemente nossa leitura e inevitáveis serão as correlações, de modo intertextual, semiótico entre realidade e ficção. Lemos porque a necessidade de desvendar caracteres, letreiros, números, faz com que passamos a olhar, a questionar, a busca decifrar o

desconhecimento. Ante mesmo de ler a palavra, já lemos o universo que nos permeia: um cartaz, uma imagem, um som, um olhar, um gesto.

Os professores podem empregar técnicas ou recursos de motivação para fazer com que os alunos queiram e desejem estudar. Aprender é adquirir novas atitudes, hábitos, habilidades, reações, novas formas de vida. A fixação da aprendizagem está baseada em condições psicológicas. Quando a escola não oferece motivação, a criança se desinteressa e muita vez fica indisciplinada. O professor poderá utilizar alguns princípios: respeitar a história pessoal do aluno, favorecer situações motivadoras, estimular a participação ativa das crianças nas leituras ou atividades escolares.

Quando a classe encontra-se indisciplinada, é hora do professor repensar a sua pratica educativa, para verificar possíveis causas desse comportamento. As leituras devem ser simples, não há necessidade de se usar frases rebuscadas. Deve-se ter cuidado com os termos ou expressões, evitando o uso de gíria e palavras vulgares. Na escola, o trabalho em grupo colabora para completar e enriquecer conhecimentos, atender diferenças individuais, desenvolver o senso critico, a criatividade e o espírito de cooperação.

A escola tem como um de seus objetivos desenvolverem a criatividade, pois este é importante para o desenvolvimento integral da personalidade do educando ‘’leituras’’. É necessário que a escola deixe de apresentar ao educando as atividades já prontas e permita ao aluno o uso da sua imaginação e da sua criatividade.

1 A LEITURA E O LEITOR

Num sentido bem amplo, leitura é o mesmo que ‘’concepção’’, conceito, idéia. O melhor exemplo seria a leitura no grande livro do mundo, de que já falava descartes no século XVII. (p. 48).

Antes de alfabetizada, a criança já teve muitas experiências dessa leitura. Tais experiências dependem das situações vivenciadas pela criança desde o seu nascimento. Embora, em principio, todas as ocorrências de busca de significado que ela experimentou. (p. 49).

Cada leitor traz consigo, alem de suas características individuais, uma vivencia e uma atitude de espíritos diferentes. Quando lê um texto escrito, ele o vê e o sente de maneira impar. Adentrando o texto, ele descobre a intenção ou as intenções de seu autor. Mas o texto também penetra nele e o transforma e se transforma. O resultado dessa intenção texto-leitor / leitor-texto é um outro texto recriado pelo leitor, diferente do original. (p.49).

Ler e escrever, porem, no sentido restrito: apenas o ensino do código da língua escrita para a aquisição das habilidades de ler e escrever. Não se cogita da qualidade nem da profundidade da leitura. Muito menos do papel do futuro cidadão, atuando positivamente na sociedade. (p.51) Aprender a ler, no sentido restrito, já é uma atividade complexa que envolve formas variadas de pensamentos e de ação por parte da criança. Aprender a ler, no sentido amplo, parecera, então, tarefa impossível. (p.54)

Em casos de textos pequenos que os alunos possam ler, é essencial que eles tenham um pequeno sistema significativo, com começo, meio e fim. Um professor bom é também um bom leitor e incentivador da leitura. Na leitura silenciosa, o leitor não precisa explicitar a conexão entre os sinais gráficos e o significado. Por isso, ela economiza tempo e esforço. É ,

portanto,mais rápida e permite ao leitor concentrar-se antes no conteúdo do que na forma. (p. 58)

A leitura oral compreende todas as operações que fazem parte da leitura silenciosa mais a produção de sons ou seqüências de sons em respostas ao estimulo visual. Por isso mesmo é mais lenta do que a leitura silenciosa. (p.59)

A leitura simultânea ajuda a eliminar a timidez, porem os teóricos aconselham a não usar dela abusivamente, para evitar a monotonia. Entre as modalidades b e c acima, eles preferem a ultima, devido ao seu caráter social. (p.60)

Em geral, criticamos a falta de leitura pelos prejuízos imediatamente visíveis, a capacidade de se fixar as formas ortográficas das palavras. E boa parte da plenitude intelectual de que tanto sentimos faltas obtém-se na leitura, nessa agricultura mental que consiste em colher das palavras o sabor e a substancia.

Ler na verdade, é mais do que decodificar um texto. A leitura eficiente vê o não escrito, exatamente como nos devemos, ao consultar um plano de saúde que nos é proposto, deduzir os serviços e necessidades que não são cobertas pelo plano.

A leitura extensiva feita em casa pode voltar para a sala de aula, para verificação e controle dos progressos realizados. Pode ate ser interrompido por uma leitura intensiva de algum trecho de compreensão mais difícil. (p. 61)

Uma leitura suplementar é a leitura extensiva em ponto maior, vale dizer, a leitura de um livro inteirinho com o objetivo apenas da compreensão e, naturalmente, da fruição completa. (p.61)

E necessário que a criança tenha, logo de inicio, uma visão intuitiva do texto, ainda que confusa, porem global (síntese inicial), ponto de partida para as analises que ela vai operar. (p.63)

Com efeito, a leitura expressiva do professor aponta a linha do pensamento e os movimentos emotivos que esta na mensagem do texto e faz evitar os erros de articulação, prosódia, entoação e ritmo da frase. (p.64)

Lembremos que interpretar não é reproduzir o texto com as suas próprias palavras, é debruçar-se no texto, mergulhar nele e trazer a tona a idéia essencial e os secundários.

O professor devera acompanhar atentamente a leitura expressiva dos alunos. Todos os erros de pronuncia (articulação, prosódia, entoação e ritmo) devem ser corrigidos. As correções, naturalmente, devem ser feitas com atitudes positivas e estimulantes. A leitura pode ser interrompida para as correções ou deixa-las para o fim. O bom senso ajudara a escolher o modo mais adequado. (p.66)

A leitura oral é, naturalmente, uma das atividades de produção oral. Enquanto tal, ela poderá ser desenvolvida de varias maneiras, tanto pelo professor como pelos alunos, dependendo do objetivo a ser alcançado. (p.80).

Uma leitura das entrelinhas é uma leitura meditada, é me ditar, é ditar-me palavras maduras, que nascem da reflexão, do desejo de ouvir em minha mente uma voz mais pura, mais verdadeira.

A leitura não é, na sua forma legitima uma fuga da realidade, é uma fuga para a realidade. Mas exige do leitor uma qualidade, um interesse, uma preocupação. Uma pessoa capaz de ler o mundo como uma historia terrível e, no entanto maravilhosa concilia em si o desconcerto e a esperança, o medo e o amor. E é na leitura amorosa dos livros, dos grandes livros, que conseguimos desenvolver esta capacidade. Ler é sonhar acordado, é acordar do falso sonho dos imediatista e despertar para a real função da linguagem.

Ler ou não ser, ler ou não ver, ler ou não ter a força criativa de organizar com os olhos o volume e o peso do caos.

Ler é algo natural, lemos o tempo todo, só não percebemos que estamos lendo. Aprendemos a ler vivendo. Se olharmos a leitura apenas como decifração da escrita, sem se colocar o porquê, como, e para que estamos impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura e o seu papel na vida do individuo e da sociedade. Os bons livros sempre mudam nossa vida, o conhecimento que esta nos livros é mais estável e valioso, pôr, ler hoje é fundamental.

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, o ato de ler vai ocorrendo ao longo de suas experiências existenciais. Desde sua concepção, as crianças vão se nos exercitando tantas leituras que seu pequeno mundo lhe permite, por meio de sua percepção sensorial, depois a leitura da palavra vai se consolidando, ao longo da sua escolarização, superpondo-se à leitura do mundo.

É uma atividade básica na formação cultural da pessoa, alem disso, é uma excelente atividade de lazer. A leitura de uma narrativa bem urdida, de um conto, de uma crônica e de diversos outros gêneros literários constitui uma valiosa atividade a ser incluída em nossos momentos de lazer.

Ler é benéfico à saúde mental, pois é uma atividade neurológica. A atividade da leitura faz reforçar as conexões entre os neurônios, para a mente, ainda não inventaram melhor exercício do que ler atentamente e refletir sobre os textos.

A leitura é o principal aspecto constituinte do pensamento crítico, um bom leitor de mundo, ao travar contato com um texto é capaz de relacionar as intenções comunicativas que a ele subjazem.

A história da leitura confunde-se com a história dos leitores, muitos são os conceitos de leitura porque são múltiplos os tipos de texto, os modos de leitura e diversas as histórias de vida dos leitores. A interação entre texto e leitor ocorre na medida em que o recebedor

entende a intenção que o autor quer dizer. O leitor passa a ser um fator determinante no sistema literário e esse fato dá origem aos estudos de Sociologia da Leitura.

Esses estudos não se limitam a conhecer o comportamento do público leitor, mas entendem a leitura como uma ciência que extravasa seus próprios limites, propondo outros. O leitor passa a ser, assim como a leitura, um agente transgressor de limites de construção de sentidos. A evolução do conceito de leitor é acompanhada pela evolução do conceito de leitura. São conceitos amalgamados e interdependentes dessa interação nasce a noção de sujeito-leitor. O sujeito-leitor está inserido no processo histórico de construção de sentidos, interpretando as suas relações com o mundo e, por vezes, recriando-o.

O leitor produz linguagem e é produzido por ela, tornando-se produto de sentidos ideologicamente cristalizados. Nessa perspectiva, ler não é descobrir um único sentido descoberto no processo da leitura poderia ter sido outro. O leitor é também, autor do texto lido, num processo de constante construção de sentidos. Leitura é preciso salientar que ler é construir significados. Na leitura, o texto se realiza enquanto significado, é na interação com o leitor que o texto existe, coexiste ou inexiste.

Ler se resume em descobrir verdades implícitas ou explícitas nos textos, essa tradição deu origem à incessante busca acerca do que o autor quer dizer, ou seja, tudo o que pode ser lido foi previsto pelo texto, basta ao leitor desvenda-lo. A partir de alguns estudos, o leitor passa a ser entendido como um sujeito que evolui com a história e essa evolução está presente no momento da leitura, a qual passa a ser construída pelo leitor e não apenas desvendada pacificamente ou constatada. O leitor, ao percorrer um texto, aciona inúmeros outros textos que compõe o seu acervo e promove uma inter-relação entre eles, construindo sentidos, esses sentidos podem variar de leitor para leitor porque os acervos constituintes dessa polifonia discursiva são diferentes.

Essa relação texto- leitura- texto vai, de certa forma, aumentar o acervo polifônico do leitor e prepara-lo para interagir com outros textos, num processo espiral de construção de sentidos. Ler, portanto, é acionar dispositivo de leitura para construírem sentidos e se construir enquanto leitor-texto. A amplitude do ato de ler vai depender da proficiência do leitor. Quanto maior for o seu acervo, suas inferências e visão de mundo, maior será sua compreensão do texto e sua interação com ele.

Um leitor que possui um repertoria mais vasto poderá acionar um processo de dialogismo mais apurado e, portanto, depreendera muito mais sentido do texto. O universo de leitura de um texto dialoga muito intimamente com o horizonte de leitura que ele projeta. Nenhum leitor se aproxima ingenuamente de um livro, toda a aproximação é intencional, para suprir uma expectativa. Os modos de leituras são as maneiras de proceder à leitura de diferentes tipos de textos. Não se pode ler o cinema, por exemplo, como se lê um teatro.

Cada texto tem suas especificidades que são elementos determinantes do processo de leitura. Partir para um trabalho de reconhecimento de diferentes modos de ler é ampliar a proficiência de leitor. Um leitor proficiente não é aquele que lê muito a mesma estrutura textual, mas é aquele que lê diferentes tipos de texto com certa profundidade. A pluralidade de leitura de um texto deve ser almejada como uma forma de construção de sentidos múltiplos, não é apenas a quantidade de leitura que vai garantir a proficiência de um leitor, mas a qualidade dela.

O leitor, numa concepção mais moderna, deve ser um agente ativo no processo de construção de sentidos. Dessa interação entre texto- autor- texto- leitura- leitor-texto, nasce o leitor escrito. Um leitor capaz de encontrar múltiplos sentidos num texto e estar convencido de que poderia haver outros. Leitura é, à luz do que seria próprio dizer dos discursos, sendo tudo a leitura pode ocorrer o risco de absolutizar a sua subjetividade, alçando aos paroxismos

do relativismo praticas também de escrita que se fundam numa idéia de que para escrever não necessário ler.

São assim os dias que correm, do ponto de vista do ensino e do dado cultural leitura, tem-se insistido no aspecto pluriforme da leitura, apostando-se no fato de a leitura ser um fenômeno que não é estático, não linear, que não funciona segundo o modo da evolução linear, mas que tem os seus movimentos lentos e suas mutações mais bruscas. Do ponto de vista da Sociologia da Leitura interessaria compreender os modos de apropriação do escrito e do lido, adentro de uma perspectiva mais geral que convoca as ciências da educação.

Leituras, eis uma das pertinências críticas que trazem aos estudos correlatos, querendo saber-se em que medida pode a leitura facultar a facilidade em diversas competências, transversalmente propondo à resolução das mais variadas situações problemáticas, estratégias metas-cognitivas que, em rigor, fazem situar a leitura no campo da psicolingüística ou da psicologia educacional, sem duvida necessárias para uma melhor compreensão da diversidade que constitui a leitura, mas a leitura, entendida historicamente pressupõe que compreenda o livro enquanto o processo social e cultural como instrumento da sociologia do livro, da psico-sociologia da leitura e da teoria da leitura, modalidades interessadas em descobrir a partilha social do livro, olhando-se para o objeto como complexo passível de várias abordagens nas qual leitura não parece ser senão conceito que liberta os investigadores das mais variadas áreas das Ciências Sociais da circunscrita tarefa de ver o fenômeno leitura/ livro/ literatura à luz de um pré-determinismo de escola ou de pensamento. Tudo é leitura, e a única leitura correta é a que relê.

Desse modo o mundo-livro é um mundo pronto a escrever-se, a ser escrito no ato de leitura, considerando-se que toda a leitura é prática não-individual, por muito que se insista que estamos sós quando lemos e quando reescrevemos o mundo, daí que a pluralidade do termo leitura seja a expressão da sua ambigüidade, por tanto sejam difusas as suas práticas, e

por tanto leitura seja técnica que decodifica determinado código de signos, quer na medida em que os desvela, quer na medida em que ler seja criar novos sentidos para os signos lidos.

Leitura, seguindo-se essa inversão, seria mais do que a descoberta desse código, seria mais um ato de criativa voluntariedade, pressupondo-se uma aprendizagem a dois tempos cognitiva social. Ler é uma forma de gestualidade, estabelecendo-se que o valor de criar seria coextensivo à criação pela escrita, citando a idéia de que a escrita seria ainda manual e leitura mental, abstrata, resultando claro que escrever seria ler, ou melhor, ler manualmente, enformando-se na escrita o mesmo princípio ativo e cognitivo que colocaria também o corpo numa contígua posição de reflexão sobre o papel. As relações entre leitura e escrita derivam desta feita, das determinantes da leitura, pressupondo-se que leitura é forma de sabedoria, comunicação, ato de pensamento, ato de conhecimento, interpretação enquanto descoberta dos sentidos duplos dos textos lidos.

A leitura a um plano de religiosidade em que leitor e livro estão em comunhão com o autor, os detentores da autoridade das palavras do texto. Ler seria e ainda é pra lá da sua dimensão ascética, operação cognitiva em que entre livro e leitor se produz um caminho perceptivo dependente da fisiologia do olhar, em que sacadas e fixações condicionam leitor, em que conhecimento prévio do mundo, lingüístico, textual, conduzem o leitor, a uma dada compreensão do livro lido, seria ainda atividade crítica, desenvolvendo de uma inteligência dialética em que ao se interrogar o texto se responde com o interrogar de outros textos: o leitor.

Ler é restituição de sentidos, atuando-se seja do ponto de partida da intenção de cada autor, ler como conflagração de trocas de leituras, como prazer do texto, valendo-se todo o ato de ler desse ato outro que escreve e que coloca no domínio também do escrito a atividade interpretativa do mundo. Falar-se de objetivos da leitura, sendo possível defender a idéia de

que esses objetivos correspondem a tipos de leitores, chamando-se à colação o leitor-modelo como paradigma do leitor proficiente.

Dessa proficiência, em que os modelos de leituras ascendente e descendente se misturam, seria possível falar-se em leitura modelo. Existe claramente um conteúdo ideológico nos graus de leitura, na tipologia, ideologia essas que convoca uma hierarquia essa que convoca uma axiologia da leitura e, assim o cremos, também da escrita. Escrever enquanto técnica não seria muito diferente da leitura enquanto processo, ainda que nesse espaço se pudesse revelar que a leitura surge antes da escrita se entender que a escrita funciona como fixação da leitura, não seria fixação do oral, e sim do lido.

As relações contíguas que, assim, atravessam e traduzem pela noção de processo cognitivo essas mesmas competências ancoram, no fundo, à mesma idéia de jogo a construção e reconstrução do saber, registrando-se que o não domínio desses poli-códigos afeta mesmo qualquer hipótese de comunicação entre falantes, que não seja pelo domínio de outros registros, interessando o que diz respeito à leitura e escrita, é caso para dizer que da leitura para a escrita vai um pequeno grande passo, inscrevendo o movimento da escrita no mesmo da leitura: gestualidade.

Pode-se afirmar que quem lê mais pode escrever melhor. Escrita e leitura consomem-se nas associações que constroem e desconstroem regularmente, recombinando códigos, suportes com particular interesse no que diz respeito apropria condição dos gêneros literários que doravante se afastam dos paradigmas literários que informam certas características especificas dos mesmos, e isto porque esses paradigmas literários se apóiam, no suporte clássico, o papel.

Deste ponto de vista é interessante questionar que a aparição do suporte digital, hipertextual proporciona a aparição, por conseqüência, de um novo gênero construído sobre matéria digital. O escrito é de fato, a primeira grande revolução de ordem intelectual

assumindo-se que a aparição do escrito é feita na direção do escrito, isto é, que enquanto comunicação, o escrito, parte de fora para dentro do suporte de leitura, fixando o pensamento. É claro que, seja qual for a fase da vida de uma criança, a influencia dos pais é definitiva na educação seja ela social ou cultural.

Não se pode dizer, entretanto, que pais não-leitores formarão necessariamente filhos que não se interessem pela leitura. Leitura é um momento de prazer é uma maneira de formar relação positiva com os livros, que é o embrião de um adulto leitor. Muitas vezes, percebe-se que crianças imitam as atitudes dos pais, seja no desejo de passar batom ou de fazer a barba. O que rege essas atitudes é o desejo de ser parte do mundo que os pais integram, se a rotina dos pais incluírem a leitura, parecerá para a criança natural e boa o ato de ler.

Alem das exigências de formação cultural variada que o mercado de trabalho vem impondo, um leitor mais efetivo pode-se preparar melhor para enfrentar as adversidades da vida, não só no campo social, mas também nos níveis emocional e psicológico. O livro é mesmo um par de asas para voar para mundos desconhecidos e outras realidades. Na verdade, o que realmente é importante na formação de um individua é a infância e tudo que atua nessa fase do desenvolvimento humano, inclusive a literatura.

Não há como afirmar uma idade especifica para um primeiro contato com livros na infância, pois o amadurecimento de cada individua segue uma sistemática diferenciada. Ainda assim, durante a fase pré-leitora, já se pode investir num futuro leitor. Há vários tipos de livros de pano e de banho que podem integrar o grupo de brinquedos da criança desde que ela consegue pegar objetos. Alem de associar a ludicidade à leitura, o contato natural com o objeto livro já se constrói de maneira natural.

A leitura pode ser inclusive instigada pelo desejo de ter autonomia para decifrar o mundo das letras sem intermédio de um adulto. Muita colaboração na formação dos conceitos de base psíquica pode ser oferecida por contos de fadas, tradicionais ou modernos como a

brincadeira com as palavras é um atrativo, há várias poesias que trabalham a sonoridade de fonemas, as rimas, as trocas silábicas, os sentidos modificados por essas trocas. Deve-se, também inserir pequenas estruturas narrativas, mas nada muito complexo e demorado.

O processo de escolaridade é recomendado para se iniciar nessa faixa etária e essas conquistas extrapolam o mundo mais restrito a casa e à família da criança para ganhar a coletividade. As histórias de aventuras costumam fazer sucesso nos primeiros anos, principalmente porque levam os heróis a conquistas individuais, sem intermédio de familiares, muitas vezes só com valentia e magia, novas realidades espaciais também têm feito muito sucesso, bem como outros mundos. Enfim, o que não se pode fazer é associar o ato de ler como um castigo ou algo que represente algum tipo de punição. Com certeza relacionar leitura com obrigatoriedade não é um bom caminho para incentivar a leitura.

A educação acha-se incluída entre os fatores culturais de um povo, as habilidades no contato social, nos comportamentos socialmente aceitos como padrões do grupo, devem ser consideradas. É o que se costuma chamar, no nível de senso comum de boa educação. A classe dominante que orienta e manipula a sociedade capitalista. É a classe dominante que determina o topo de educação que pretende a nação. Essa educação será baseada nos seus parâmetros e é a sua cultura (no sentido de capital cultural) que será aceita e que servira de padrão para sua educação. O individuo que não se enquadra nos requisitos culturais estabelecidos pela classe dominante -conhecimentos considerados básicos para a escolarização e domínio da linguagem- e não apresenta comportamentos “socialmente aceitos” será considerado sem cultura, esse indivíduo, será culturalmente marginaliza.

Os sujeitos e as suas famílias: assim como os alunos são diferentes entre si, eles também provem de lares diferentes. Tem pais que tem pensamentos, atitudes, comportamentos, modos de educar completamente diferente. Os níveis desses pais variam. Alguns colocam objetivos muitos alto para seus filhos: a universidade e as profissões

liberais.Outros são mais modestos, querem apenas que seu filho saia apto para iniciar-se em um oficio pratico ou em um emprego qualquer. Todas essas aspirações familiares se refletem no aluno e podem ocasionar mudanças no planejamento do professor, que se baseiam nos interesses e necessidades de seus alunos. Portanto, indiretamente, os diferentes objetivos das famílias irão se refletir no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FEIRE, Paulo. **Concepção dialética da educação.** 9. edição. São Paulo: Cortez, 1984.

SER, Wolfgang. **O ato da leitura**. Tradução de Johannes kretschmer. São Paulo: 34. Edição, 1996. V.1.

MAROTE, João Teodoro D'olim: **Didática da língua portuguesa**. 10 edição.

FONSECA, Edson Nery: **Ser ou não ser bibliotecário e outros manifestos contra a rotina.** Associação dos bibliotecários do Distrito federal, 1988.

LESSA, Anthony: **O que é leitura?** São Paulo, 1999, 34 edição.